



SEMANA SANTA 2020



**HOMILIAS DO BISPO DO FUNCHAL
D. NUNO BRÁS**



SEMANA SANTA 2020

**HOMILIAS DO BISPO DO FUNCHAL
D. NUNO BRÁS**

FOTOGRAFIAS:

Duarte Gomes

DIOCESE DO FUNCHAL

Gabinete de informação



DOMINGO DE RAMOS DA PAIXÃO DO SENHOR

5 abril

Caros irmãos,

1. O Domingo de Ramos é uma espécie de pórtico de entrada da Semana Santa: somos colocados diante do amor de Deus que se manifesta na morte e na ressurreição do Senhor para que, ao longo da semana, possamos ir vivendo e crescendo no acolhimento do que significa hoje ser cristão.

Com efeito, no Domingo de Ramos, somos, por um lado, confrontados com a morte de Jesus, com a Sua Paixão; e, por outro lado, somos também convidados à aclamação e à alegria, reconhecendo naquele Crucificado a vitória de Deus — que o mesmo é dizer: a vitória do amor e da vida.

Como vamos, pois, viver esta Semana Santa? Vamos vivê-la, antes de mais, como Jesus a viveu, acompanhando-O, colocando-nos no seu seguimento. O mesmo é dizer: vamos vivê-la como discípulos. A isso nos convidava o Profeta Isaías.

Na 1ª Leitura que escutámos, Isaías falava antecipando de vários séculos a figura de Jesus conduzido à Paixão: “Apresentei as costas àqueles que me batiam e a face aos que me arrancavam a barba; não desviei o meu rosto dos que me insultavam e cuspiam” (Is 50,6). Mas não o faz sem antes ter descrito a figura do Servo de Deus como um “discípulo”: “O Senhor deu-me a graça de falar como um discípulo, para que eu saiba dizer uma palavra de alento aos que andam abatidos. Todas as manhãs Ele desperta os meus ouvidos, para eu escutar, como escutam os discípulos” (Is 50,4).

Jesus é apresentado na figura de discípulo. Discípulo de quem? Discípulo do Pai. Ele próprio o disse de Si mesmo: “O meu alimento é fazer a vontade de meu Pai” (Jo 4)

2. Do mesmo modo, também nós, esta semana, somos convidados a assumir a atitude do discípulo. Todos os dias e o dia todo — “todas as manhãs”, diz Isaías, como que a dizer: desde o início do dia até ao seu fim. Quer dizer: ser discípulo de Jesus, aprender, acolher, perceber a vontade de Deus é uma tarefa constante e quotidiana. Ninguém se pode dizer cristão sem esta atitude diária. O discípulo é, antes de mais, aquele que está atento ao mestre, àquilo que ele lhe diz e ensina. Na vida cristã, não somos mestres. Somos todos discípulos. Por isso, havemos de escutar. De escutar o Mestre.

Mas o profeta convidava também a uma outra atitude: “O Senhor deu-me a graça de falar como um discípulo, para que eu saiba dizer uma palavra de alento aos que andam abatidos” (Is 50,4). Falar como discípulos. Isso significa, antes de mais, que aquilo que dizemos, as atitudes que tomamos (porque também falamos com atitudes) não hão-de ter origem em nós mas em Jesus, o Mestre. O discípulo que fala como discípulo é aquele que diz o que escutou ao seu mestre. O discípulo que vive como discípulo é aquele que procura viver como o Mestre. Esta semana havemos de a viver como Jesus escutando e falando, quer dizer: vivendo.

3. Havemos de a viver, de um modo concreto, nesta Semana Santa que hoje começa, e no meio dos condicionalismos que estamos a viver.

Havemos de escutar como discípulos. Isso significa ler e meditar as leituras, procurando aquilo que elas nos dizem — e sempre nos dizem e ajudam. Ler as leituras diárias da liturgia em família, e procurar que todos os membros da família partilhem aquilo que o Senhor lhes diz. Escutar como discípulos significa procurar viver todos os dias a Eucaristia, transmitida pela Internet, da nossa paróquia ou de um qualquer outro lugar. E cada um, no silêncio do seu quarto, havemos de procurar escutar aquilo que o Senhor diz para a nossa vida, deixando que a Sua Palavra ressoe no nosso coração.

E, nesta semana, havemos também de falar, de viver como discípulos. Como faria Jesus se estivesse comigo em casa, agora, a viver com estes irmãos e com estes pais? Que atitude gostaria Ele que eu tomasse; que palavras gostaria Ele que eu dissesse?



Um jornal quotidiano narrava ontem a história de uma família espanhola com onze filhos, todos infectados com o Coronavírus. “Já houve ‘momentos de verdadeiro medo’ mas, com sorrisos na cara, contam que ‘a Fé os tirou do poço’ ”.

“Tivemos de nos organizar como qualquer outra família. Ou planeamos ou naufragamos. Além disso, recebemos muita ajuda constantemente, diz José. [...] A família conta que, durante estes dias que atravessam, uma das principais coisas que ajudou foi acompanharem a missa pelo YouTube. Todas as manhãs, o casal afirma que a primeira coisa que faz quando acorda é acompanhar por vídeo em stream uma missa de Madrid. Os mais novos não acompanham tanto, mas os mais velhos já os secundam neste momento. ‘Ajuda a estruturar o dia, dá-nos paz e bom humor’, diz José. À tarde, rezam todos o rosário. Para a Páscoa, já planeiam acompanhar o Papa Francisco pela televisão” (Manuel P. Machado, Observador, 03/04/2020).

Procuremos, também nós, acompanhar de mais perto o Senhor, deixar que Ele venha, que Ele esteja presente em nossa casa e em nós, no nosso coração. Disponhamo-nos a escutar como escutam os discípulos e a falar, a viver como discípulos, sabendo que a morte não tem — em Jesus como em nós — a última palavra. Essa pertence — e pertencerá sempre — ao Deus vivo que nos ama a todos como Pai.

QUINTA-FEIRA SANTA

MISSA DA CEIA DO SENHOR

9 abril

“Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim” (Jo 13,1) — deste modo iniciava o evangelista S. João o relato da Última Ceia que acabámos de escutar.

1. A questão é de amor. Mas não daquilo a que nós erradamente chamamos “amor”, cheio de egoísmo. Para S. João, o amor como que resume toda a vida de Jesus. Não espanta portanto que o mesmo evangelista, tempos depois, tenha resumido com essa mesma realidade o próprio ser de Deus: “Deus é amor: aquele que permanece no amor permanece em Deus e Deus permanece nele” (1Jo 4,16). Amor é a vida de Deus. Ou seja: depois de estar, de viver com Jesus e, sobretudo, depois de viver o momento da cruz, S. João não hesita em retirar essa conclusão que podemos considerar como “revolucionária”, e que marcará, para sempre, a compreensão que nós, seres humanos, temos de Deus.

Que Deus tivesse amor ao seu povo, já Israel o tinha compreendido. Que Deus criasse tudo quanto existe como realidade boa, já era afirmado desde as primeiras páginas da Escritura. Mas que Deus fosse amor; que o seu ser fosse amor; que Ele não pudesse ser outra coisa senão amor, isso apenas foi perceptível a partir da cruz de Jesus Cristo. Essa é a marca distintiva do cristianismo.

E, assim, aqueles que vivem com Deus são os “amados” (Ἀγαπητοί), aqueles que participam do ser de Deus que é amor: “Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus e todo aquele que ama nasceu de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama não conheceu a Deus, porque Deus é amor”, diz ainda S. João (1Jo 4,7-8). “Amados”: esse é, nos escritos de S. João, o novo nome dos discípulos. É, verdadeiramente, uma nova identidade que o ser humano passa a ter e que nos caracteriza: amados por Deus.

2. Mas S. João afirma que este amor que ele próprio experimentou é um “amor até ao fim”. Que nos quer dizer S. João com este “até ao fim” (εἰς τέλος)?



Podemos dizer que se trata de uma atitude de Jesus que marcou a sua vida do início até ao momento em que, na cruz, exclamou: “tudo está consumado!” (Jo 19,30). Jesus amou os discípulos desde que nasceu até à sua morte. Toda a sua vida foi um acto de amor. Foi por amor que o Verbo se fez carne. Foi por amor que escolheu os discípulos. Foi por amor que mudou a água em vinho; que curou o cego; que ressuscitou Lázaro; que celebrou com os seus a Última Ceia e lhes lavou os pés; e, por fim, foi por amor que morreu na cruz e ressuscitou.

Mas podemos — e devemos — ir mais longe. “Até ao fim” quer também dizer: “completamente”, sem falha alguma, entregando toda a sua vida àqueles que ama, sem nada reservar para si, sem qualquer ponta de egoísmo. Amou-os até ao máximo em que é possível amar, e do modo em que apenas Deus pode amar: de uma forma perfeita, completa. Ele próprio o disse: “Ninguém tem maior amor que aquele que dá a vida pelos amigos” (Jo 15,13).

E o gesto do “lava-pés” é sinal disso mesmo: é a explicação e antecipação, através de um gesto simbólico realizado durante a Última Ceia, do que haveria de suceder no dia seguinte, na cruz. “Se não te lavar os pés, não terás parte comigo”, diz o Senhor a Pedro.



O mesmo é dizer: se não deixares que te salve na cruz, não terás parte comigo. E ao ladrão arrependido: “hoje estarás comigo no paraíso” (Lc 23,43).

3. Mas S. João afirma também que Jesus “amou os seus”. Quem são estes que Jesus amou? São aqueles discípulos que Ele chamou no início da sua vida pública; a quem convidou para partilhar o seu quotidiano como embrião de Igreja (Jo 1,35-44); que presenciaram os sinais por Ele realizados — Judas incluído; que, no momento da Paixão, não foram capazes da fidelidade; aqueles que Jesus voltou a encontrar depois de ressuscitado e a quem enviou como o próprio Pai O tinha enviado (Jo 20,21). São aqueles que lhe pertencem.

Mas, também aqui, podemos e devemos ir mais longe. Os “seus” são muitos mais que aqueles reunidos na Última Ceia. Os “seus”, aqueles que pertencem a Jesus, são todos os seus discípulos: “Manifestei o teu nome aos homens que, do mundo, me deste. Eram teus e Tu mos deste, e eles guardaram a tua palavra [...]. Não peço apenas por estes, mas também por aqueles que acreditam em mim, por meio da sua palavra” (Jo 17,6.20).

Os “seus” somos nós que hoje lhe pertencemos, e todos quantos, até ao fim da história acreditam, quer dizer: quantos se deixam moldar pela sua palavra.

Somos aqueles que o Senhor ama “até ao fim”. Somos os “amados” por Ele. E como se mostra esse amor até ao fim que Jesus tem por cada um de nós, com a mesma intensidade e plenitude que àqueles Doze? Mostra-se, certamente, na cruz, quando Ele assume a nossa morte “até ao fim”, a ponto de dizer: “Tudo está consumado”. Mas mostra-se igualmente, e com não menos intensidade, naquele sacramento que, em cada tempo e lugar, torna presente a cruz de Jesus: a Eucaristia. Sim: o Senhor ama-nos de tal forma que permanece connosco. Tornou-se alimento, pão da vida, presença verdadeira e real para que nunca nos possamos separar dele.

4. Mas os “seus”, aqueles que o Senhor ama “até ao fim”, estão no mundo. Sabemos que, em S. João, a palavra “mundo” (ἐν τῷ κόσμῳ) adquire dois sentidos: o mundo que se opõe a Deus e o mundo que Deus ama e quer salvar: “Deus amou tanto o mundo que lhe deu o seu Filho unigénito” (Jo 3,16).

Os discípulos do Senhor estão no mundo. Estamos nós no meio do mundo. Vivemos nele. É neste “mundo dos homens” que trabalhamos; é nele e com ele que nos tornamos “humanos”. É esse mundo que há-de receber o amor que brota da Eucaristia. É ele que há-de ser transformado pelos cristãos, a

partir deste amor recebido e vivido à volta da mesa que Jesus dispôs para nosso alimento.

A Eucaristia — quando, ao celebrarmos, também nós nos sentamos à mesa do Senhor e comemos o seu Corpo e bebemos o seu Sangue — a Eucaristia afirma-nos a presença do Senhor connosco, ao nosso lado, em nós.

É por isso que não a podemos nunca dispensar. A Eucaristia é o nosso alimento, alimento de vida. E, por isso, não vemos a hora em que, de novo, a possamos celebrar todos, já sem os media como intermediários, mas presencialmente, uns com os outros. É também questão de sobrevivência!

Enquanto isso não é possível e nos vemos obrigados a este “jejum eucarístico”, celebremos a Páscoa do Senhor na certeza de que Ele está connosco e nos quer com Ele. “Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim”.



SEXTA FEIRA SANTA

10 de abril

“Os soldados teceram uma coroa de espinhos, colocaram-na na cabeça e envolveram Jesus num manto de púrpura” (Jo 19,2).

A coroa de espinhos que os soldados romanos teceram e colocaram na cabeça de Jesus tem assumido, nos nossos dias, uma concretização muito clara, neste vírus em forma de coroa, que tem espalhado sofrimento e morte pelo mundo inteiro.

Muitos são aqueles que, por isso mesmo, se interrogam: como pode existir um Deus bom que parece ficar silencioso diante do sofrimento de tantos? A interrogação é justa e cheia de sentido, e é mesmo partilhada pela própria Sagrada Escritura, em muitos lugares, sobretudo no livro de Job.

Na interrogação, uma verificação se nos impõe: esquecer Deus em nada ajuda a diminuir o sofrimento e a dor. Que Deus exista ou que O recusemos, o sofrimento existe, e bem grande.

Mas uma coisa é certa: não nos basta confiar simplesmente no destino ou nas forças adversas e cegas da natureza. Seria o mesmo que desesperarmos da possibilidade de uma salvação ou de uma justiça acima do sofrimento e do mal. Porque sem Deus, não temos outra solução que não a de nos rendermos ao sofrimento e ao mal.

Que caminho de resposta podemos nós cristãos indicar — para nós e para todos — que nos possibilite uma pequena luz que seja para o drama humano, para esta nossa vida, cheia de alegrias mas também vivida no “vale de lágrimas” do sofrimento — seja ele causado por motivos naturais ou pelo culpado comportamento humano?

Em vez de nos interrogarmos acerca do mal em geral (“porque é que Deus tolera o mal no mundo?”), talvez a questão apareça mais clara se nos interrogarmos: se eu penso e faço o mal, porque é que Deus ainda me tolera?

Somos, como afirma um pensador contemporâneo (J. Lennox, *Where is God in a Coronavirus World?*), semelhantes a uma catedral em ruínas: bela e elegante, mas com as cicatrizes de uma catástrofe. O coronavírus apenas mostrou com mais clareza que somos frágeis e vulneráveis.

Deus fala-nos de muitos modos. Fala na nossa consciência; fala nos acontecimentos do mundo; fala nas nossas alegrias e conquistas; e fala igualmente nas nossas derrotas.

Falar-nos-á também nesta pandemia e na dor que ela provoca? Como quer que seja, este vírus chama-nos a atenção para quem somos: convida-nos a acordar para o facto de não sermos o Criador e de nem tudo se encontrar à nossa disposição e sob o nosso domínio. Convida-nos a recordar que somos frágeis e mortais.

Mas existirá um Deus, a quem possamos entregar a nossa vida? Olhando para o Crucificado, eis que O vemos preso à cruz, suportando o sofrimento e a dor, partilhando o destino do “vale de lágrimas” da humanidade e, ao mesmo tempo, todo envolvido numa entrega confiante e sem limites nas mãos do Pai.

É este mesmo Crucificado, morto na cruz, que apareceu vivo e ressuscitado na manhã de Páscoa. Ele não resolveu o escândalo do sofrimento através de um raciocínio brilhante; Ele partilhou o sofrimento da humanidade; viveu-o no amor até ao fim. E venceu.

Deu-nos, desse modo, a esperança certa de que o mal e a morte não têm a última palavra quanto ao destino do ser humano e do mundo. Mostrou-nos que a justiça não é uma ilusão e que a sua procura não é inútil. “O cristão não é alguém que tenha resolvido o problema do sofrimento, mas alguém que ama e tem confiança no Deus que sofreu por ele” (J. Lennox).

Talvez o coronavírus nos convide a olhar para o Crucificado e para a coroa que Ele ostenta; a confiar nele e na vida que Ele nos oferece. Talvez nos convide a olhar para o irmão que sofre, mesmo (e sobretudo) para aquele que sofre de outra doença e de outro sofrimento que não o causado por esta pandemia. E convida-nos sempre a olhar para a vida eterna, para lá da morte.

Se a coroa do vírus nos parece derrotar, saibamos que uma outra coroa — aquela que o próprio Deus sofreu na cruz e que continua a ostentar diante de nós — uma outra coroa é a nossa esperança. Nela podemos confiar. Ela é caminho de vida. De vida eterna.



DOMINGO DA RESSURREIÇÃO DO SENHOR

Vigília Pascal

12 de Abril

A tranquilidade desta noite santa — sobretudo desta noite de Páscoa de 2020, que ficará para a história da Igreja como a “Páscoa da grande fome da Eucaristia”, com os sacerdotes a celebrarem quase toda a Quaresma e, agora, esta solene Vigília com as igrejas vazias e os fiéis a acompanhá-los à distância, em suas casas — a tranquilidade e o silêncio desta noite, dizia, contrasta claramente com a urgência e a correria presentes na narração evangélica do encontro do túmulo vazio, que acabámos de escutar.

O anúncio da ressurreição de Jesus com que o Anjo surpreendeu aquelas mulheres temerosas; a quantidade de sinais na natureza que acompanharam esse anúncio; a certeza da vitória sobre a morte — e da vitória sobre o pecado que a causa —, longe de serem paralizadoras daquelas duas mulheres, fizeram antes surgir uma urgência (quase diríamos: uma emergência) que nada nem ninguém poderá deter. É uma urgência que teve início naquele momento, mas que atravessou estes dois mil anos, e chegou aos nossos dias.

Aliás, esta urgência estava já contida na própria missão: “Ide depressa dizer aos discípulos: Ele ressuscitou dos mortos”, diz o Anjo às mulheres. E o evangelista continua, referindo como estas corresponderam à missão: “afastaram-se rapidamente [...] e correram a levar a notícia aos discípulos”. A urgência marca pois, desde o início, a missão cristã. É fruto da vontade de Deus. É a urgente necessidade de anunciar e viver a ressurreição! A vitória de Jesus sobre a morte (que é também a nossa vitória, a vitória da humanidade) é uma novidade que urge comunicar a todos. A morte foi derrotada no seu terreno. Um homem que é Deus abriu uma brecha no seu domínio e derrotou-a, dando-nos a todos a esperança de passar com Ele do tempo para a eternidade!

Em primeiro lugar era, naquele momento, urgente comunicar a Boa Nova aos discípulos porque eles, que partilharam a vida de Jesus, que presenciaram os milagres, e que escutaram a sua palavra, haviam também de ser as primeiras testemunhas do mundo novo que naquele momento surgiu. Havi- am de ser eles a garantir que este Jesus ressuscitado era o mesmo que com eles caminhou pelas estradas da Galileia. Que não era um fantasma, uma ideia, uma projecção, mas o mesmo que todos viram morto no madei- ro da cruz e que agora se apresentava, cheio da vida divina, a comer e a beber com os seus.

Mas a ressurreição é também um acontecimento cuja notícia urge comunicar ao mundo inteiro. “Ide por todo o mundo”, mandará o Senhor ressuscitado aos Apóstolos. E eles foram. Tomé chegou à Índia; Tiago à Península Ibérica. Chegaram a África e ao Leste europeu. E os seus sucessores peregrinaram por todo o mundo conhecido. E quando novas terras foram descobertas (como aconteceu com a nossa Madeira e com tantas outras paragens que os portugueses deram a conhecer ao mundo), sempre os navios levavam consigo a Cruz de Cristo, o Evangelho da ressurreição, a vida da fé. É que o Evangelho não pode esperar seguranças, não pode aguardar certezas humanas. Requer ousadia, coragem, comunicação alegre e simples da certeza da ressurreição.

A nós, aos nossos corações, é também urgente que o Evangelho continue a ressoar. Também nós, crentes, baptizados destas Ilhas do Santíssimo Sacramento e da Imaculada Conceição, como está gravado em pedra na porta desta nossa Catedral, necessitamos de voltar a escutar aquele primeiro anúncio, sempre cheio de frescura e alegria: “O Senhor ressuscitou verdadeiramente e apareceu a Simão!”. Porque necessitamos constantemente de tomar consciência da nossa raiz, da realidade primeira onde assenta e da pedra segura que sustenta a nossa existência de homens e de cristãos.



Mas a mensagem da ressurreição do Senhor é sobretudo urgente comunicá-la a quem ainda não O conhece, a quem ainda não é capaz de viver a alegria da vida nova. Tantos ainda não O conhecem. Claro que já ouviram falar de Jesus, mas não escutaram a Sua palavra. Porventura presos no seu racionalismo, não foram capazes de abrir o coração; porventura presos no seu egoísmo, não foram capazes de entender a sua vida a partir de Deus; porventura presos nos preconceitos causados tantas vezes pelos pecados dos cristãos, não se deixaram alimentar pela Verdade do Ressuscitado. Necessitam que alguém os ajude a romper os muros de uma humanidade fechada e sem horizontes, e lhes anuncie a Boa Nova da ressurreição, o caminho da vida com Deus.

Como podemos comunicar a vida nova? Parece contraditório a afirmação desta urgência evangelizadora com a situação em que nos encontramos, confinados às nossas casas, famintos do encontro com os irmãos.

Mas esta Páscoa feita de jejum e de confinamento continua a ser feita também de ressurreição e de esperança. A todos quero dizer: “O Senhor ressuscitou verdadeiramente”. Não é um vírus que o poderá derrotar. E Ele espera de nós, já agora, e mesmo na situação em que nos encontramos, esta disponibilidade apostólica para O testemunhar.

Paulo, o Apóstolo que o Senhor ressuscitado encontrou no caminho de Damasco, viveu também ele — talvez mais que nenhum outro — esta urgência de que a notícia da ressurreição chegasse a todos. Paulo, o Apóstolo dos Gentios, caminhante incansável pelo mundo romano de então; Paulo que a propósito e fora de propósito anunciou o Evangelho, sofreu também ele a prisão. Ficou, também ele, confinado tantas vezes a quatro paredes. Mas nem por isso impedido de proclamar a Boa Nova. Prova dessa realidade são as chamadas “cartas do cativo”, escritas da prisão, onde o Apóstolo continuou o seu trabalho evangelizador, cuidando das comunidades que tinha fundado, acompanhando a sua vida e os seus problemas. E poderíamos continuar com tantos outros exemplos.

Deixemos, irmãos, que neste tempo de quarentena, a urgência do anúncio do Evangelho fermente no nosso coração. Que ela se faça vida, disponibilidade e ousadia em toda a nossa existência. E alegremo-nos com esta certeza serena mas entusiasmante, única capaz de romper verdadeiramente a escuridão: Cristo venceu a morte. Aleluia!



DOMINGO DE PÁSCOA

Missa do Dia

12 de Abril

“Viu e acreditou” (Jo 20,8)

1. S. João, ao narrar a entrada de Pedro e do “discípulo que Jesus amava” no sepulcro vazio, diz-nos que este discípulo “Viu e acreditou”.

Que viu ele? Viu o sepulcro, sem a pedra que impedia a entrada ou a saída de alguém; viu, no chão, as ligaduras que tinham envolvido o corpo de Jesus; viu o sudário que tinha estado sobre a cabeça do Senhor, enrolado à parte. Viu os sinais da morte de Jesus. Viu com os olhos da carne.

Mas tudo quanto ali estava era sem qualquer conteúdo: as ligaduras sem corpo; o sudário sem cabeça; o túmulo sem sepultado. Os sinais da morte estavam ali, bem presentes. Não tinha sido ilusão. A cruz fora verdadeira cruz. A morte, verdadeira morte. A sepultura, verdadeira sepultura. E o discípulo podia ver esses sinais.

Aqueles sinais falavam, mas não já de si mesmos. Convidavam a uma outra realidade. Indicavam uma vida nova, nascida a partir de Deus, com a força do Espírito. Falavam do começo de um mundo novo, e com um novo Adão: Jesus de Nazaré.

“Viu e acreditou”. Em quem acreditou o discípulo? Acreditou em Jesus ressuscitado. Acreditou na sua ressurreição. Acreditou nesse mundo novo que naquele momento estava a iniciar; acreditou que Jesus tinha vencido a morte; e acreditou que, também ele — pobre e fraco discípulo, e todos os outros discípulos que haviam de acreditar depois dele — acreditou que, também eles, poderiam participar desta vida nova de Cristo ressuscitado. Ele, o discípulo amado, ainda vivia no mundo velho. Via com os olhos da carne a presença de um mundo velho, sem conteúdo, vazio: o mundo do pecado e da morte. Mas via-os derrotados definitivamente.

Contudo, os olhos da fé, que o convívio com Jesus tinha feito nascer no seu coração ao longo daqueles três anos da vida pública do Mestre, os olhos da fé percebiam mais além: viam um novo horizonte de vida, para lá das ligaduras, do sudário, do túmulo.

Esta é a Páscoa dos cristãos. É a passagem que todos os dias somos convidados a fazer — de um modo particular neste dias do Tríduo Pascal. Melhor: Páscoa é o acontecimento vivido por aquele que percebe Jesus ressuscitado a passar por si e pela sua vida, na força do Espírito.

Vivemos, como o discípulo amado, neste mundo cheio de ligaduras, de súdrios e de sepulcros — neste mundo de velhas realidades do pecado e da morte, porventura ainda julgando que têm algum conteúdo e mesmo domínio. Vemos, também nós, o mundo velho, quais ligaduras do sepulcro vazio, com as suas lutas pelo poder; com toda a sua tecnologia; com todos os estratagemas para nos vender a felicidade neste tempo. Vemo-lo, procurando convencer-nos que cada um é um pequeno deus, dono da vida e da morte. Vemos estes sinais de morte, vazios, sem conteúdo, abandonados no chão, derrotados por um pequeno vírus. Foi precisamente este mundo velho que, há dias, foi surpreendido por uma paragem repentina. A efervescência económica, feita de viagens, de trocas, de comunicações; o orgulho dominador; a ditadura das velharias (não raras vezes repintadas de novidade), de repente, viu-se obrigada a parar. O contador quase que foi colocado a zero.

Vemos este mundo, mas somos capazes de acreditar? Vivemos ainda neste mundo velho, mas seremos capazes de dar crédito aos olhos da fé que nos dizem que o mundo novo já surgiu no momento da ressurreição de Jesus, e que já podemos fazer parte dele, ainda que de um modo imperfeito e incompleto?

2. O mundo que vai surgir quando toda esta paragem terminar não será ainda o mundo novo de Jesus ressuscitado: esse apenas na eternidade nos

será dado viver. Mas sobre nós, cristãos, recai a tarefa de tornar este mundo em que ainda vivemos mais semelhante ao mundo novo do Ressuscitado. Sobre nós recai a tarefa de o ajudar a caminhar para o mundo novo.

O mundo que irá surgir desta crise será sempre uma oportunidade oferecida à liberdade humana para se converter e se deixar construir e reconstruir por Deus à semelhança do Verbo que se fez carne e habitou no meio de nós.

Esta será pois uma oportunidade (mais uma) que é dada a todos pela paciência de Deus. Como queremos construir (reconstruir) o mundo que aí vem? Como o iremos moldar? Que disponibilidade te-



mos nós, cristãos, para participar nessa reconstrução e lhe dar uma feição mais humana, onde todos possam ver reconhecida, efectivamente, a sua dignidade?

“Viu e acreditou”. Existirão sinais da presença de Deus neste nosso mundo contemporâneo? Existirão hoje sinais da ressurreição de Jesus? Sim, mas são sinais pequenos, de pouca monta, podem dizer. Ou sinais grandes como aqueles que estamos a presenciar em cada minuto destes dias que vivemos... Que era um lençol e umas ligaduras, ou mesmo um sepulcro? E, no entanto, o discípulo “viu e acreditou”. Sejamos, também nós, capazes de ver com os olhos da carne e acreditar com os olhos da fé. O nosso coração encher-se-á de alegria, a nossa vida ganhará um novo sentido.

Porque o Senhor ressuscitou. A morte foi vencida.
Alegramo-nos e exultemos!





MENSAGEM DA PÁSCOA

Hoje, em tua casa

“O Mestre manda dizer: É em tua casa
que eu quero celebrar a Páscoa com os meus discípulos”
(Mt 26,18).

Tenho a certeza de que todos nós gostaríamos
de estar na pele daquele discípulo de Jesus
que habitava em Jerusalém,
e cuja casa foi escolhida para a Última Ceia.
Abrir a nossa casa ao Senhor e aos Doze;
preparar tudo o que temos de melhor;
dispor tudo para aquela Páscoa
que iria mudar o curso da história.

Hoje o Senhor diz-nos, a cada um de nós:
É em tua casa que Eu quero celebrar a Páscoa.
Nesta Páscoa de 2020,
estas palavras de Jesus adquirem um significado muito literal.
Mas nem por isso menos pascal.
Hoje o Senhor quer celebrar a Páscoa contigo,
com os teus, em tua casa.
Páscoa é uma palavra que quer dizer “passagem”:
passagem de Deus pela vida do seu povo,
libertando Israel da escravidão do Egito
para o conduzir à Terra Prometida;
passagem de Jesus, através da cruz
à vida de ressuscitado.
Jesus Cristo quer passar pela tua vida,
e pela vida da tua família.
Não como quem passa sem deixar rasto,
mas como quem muda:
quando deixamos que Deus entre na nossa vida,
muda sempre alguma coisa.

Nós cristãos esperamos a Páscoa da eternidade.
Mas, enquanto vivemos neste mundo,
não podemos deixar de abrir as suas portas
— este mundo é também a nossa casa! —
para que ele possa acolher a vida nova
de Jesus ressuscitado.
E como vamos precisar,
nos tempos que se avizinham,
de que essa vida transforme
as estruturas, os valores, as atitudes, o coração dos homens!

“Hoje quero fazer Páscoa em tua casa”:
é o convite de Jesus,
mais que nunca um convite actual.

Santa Páscoa para todos!



